



Arquivo pessoal

## Seres humanos e os animais

Pesquisa recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que existem mais de 52 milhões de cachorros em lares brasileiros. O professor Mauro Lantzman, veterinário e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, explica a relação do homem com seus animais e fala sobre o afeto existente nessa ligação e a violência contra os bichos de estimação, na *Entrevista do Mês*. Pág. 12

## Ações pelos imigrantes

A Cátedra Sérgio Vieira de Mello mudou de composição. Além de contatar diversas entidades, a CSVM realizou eventos no Brasil e em Portugal, onde foi recebida por importantes organizações. “Vamos trabalhar com ações. Nossa Universidade pode fazer alguma coisa por refugiados e imigrantes”, explica o professor Marco Antonio Marques da Silva, que preside a Cátedra. Pág. 06



PUC-SP

# PUC-SP em Notícias

Jornal mensal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

# #79

Ano 6 - Novembro 2015

[www.pucsp.br](http://www.pucsp.br)



[puc\\_sp](#)



[PUCSP.Official](#)



[puc\\_sp](#)

Bete Andrade / ACI



Suzana Maurício e Luisa Moretti, alunas de RI: felicidade não tem cor

# Consciência negra e a luta pela igualdade racial

Pág. 04 e 05

## 03

Residência FCET: estudantes de Ciências Exatas vivenciam ambiente de trabalho

## 07

Jornalismo: ex-alunos participam do *Curso de Focas* do jornal O Estado de S. Paulo

## 08

Publicidade: alunos fazem campanha para o *Top of Mind*, da Folha de S. Paulo

## 08

RI: graduanda integra delegação brasileira no 9º *Fórum da Juventude da Unesco*



## Editorial

A foto desta capa de **PUC-SP em Notícias** expressa um sonho: de que esse desejo se torne realidade. Expressa a esperança de que a luta dos afrodescendentes contra o racismo e a marginalização deságue na igualdade social e racial. O anseio de que haja muito mais negros na Universidade, fazendo desse abraço fraterno algo comum em nossos corredores e no mercado profissional. Para chegar lá, a comunidade discute o tema e se mobiliza. O *Fala PUC-SP* (pág. 04) ouviu alunos sobre a importância de comemorar a data (20/11) e o que a sociedade pode fazer para avançar mais; e nossos professores repercutem os cinco anos do *Estatuto da Igualdade Racial* (pág. 05). As duas páginas expressam uma das riquezas desta Universidade: a opinião e a tomada de posição dos corpos docente e discente, embasada em conhecimentos acadêmicos e da leitura da realidade do país. Outras reportagens exprimem tal característica: a entrega de título de Professor Emérito a João Edênio Valle e

José J. Queiroz (pág. 11). Ambos atuaram para incutir na PUC-SP a preocupação social – tratando-a não apenas pelo viés científico, mas como fundamento para escutar a sociedade e nela intervir. E a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), que irá atuar em relação a imigrantes e refugiados. Em pouco mais de um mês, a nova composição da CSVM realizou dois eventos (um no Brasil e outro em Portugal) e estabeleceu contato com uma série de entidades para transformar as discussões em ações práticas (pág. 06).



Mostramos ainda como nossos estudantes se destacam: Ariela Halpern (RI) esteve no *9º Fórum da Juventude da Unesco* (pág. 08); os de Publicidade foram convidados a produzir campanha sobre os 25 anos do prêmio *Top of Mind*; os de Jornalismo, selecionados para o *Curso de Focas do Estádio* (pág. 08); no Pós em Fono, duas alu-

nas venceram prêmios (pág. 10). Os jornalistas e as duas fonoaudiólogas, na verdade, já estão formados – mas o novo *Programa de Relacionamento com Egressos* (pág. 09), ao defender que “uma vez PUC-SP, sempre PUC-SP”, explica a necessidade de manter a proximidade com os profissionais que estudaram aqui.

Do campus Consolação, noticiamos o *Programa de Residência em Tecnologia*, para fazer os graduandos experimentarem o ambiente de trabalho, e a visita técnica dos futuros engenheiros à Usina Henry Borden (pág. 03). Do campus Santana, trazemos evento acadêmico sobre a família na atualidade (pág. 08).

Por fim, publicamos entrevista com o professor Mauro Lantzman sobre Psicologia e relação entre homens e animais (pág. 12) e anunciamos o retorno de Toquinho ao Tuca, em sessão única e especial para comemorar seus 50 anos de carreira e o cinquentenário do teatro (pág. 10).

## ACI

# Orientações para a comunidade

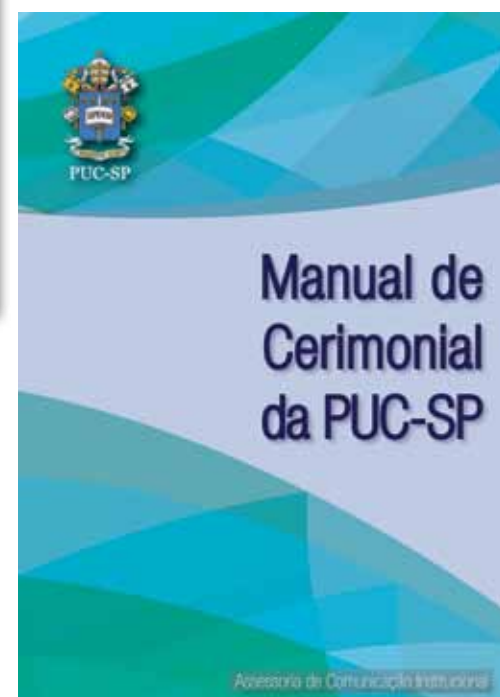
Quando um evento acontece ou quando um docente dá entrevistas, a PUC-SP se expõe como uma instituição voltada à produção e à disseminação do conhecimento. Tais momentos de exposição, tanto da Universidade como do saber nela construído e de seus profissionais, requerem atenção especial. Para orientar a comunidade e os gestores em situações dessa natureza, a Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) lançou dois manuais: um voltado ao atendimento à imprensa e outro à realização de cerimoniais em eventos.

Com as entrevistas concedidas pelo seu corpo docente, repercutindo os mais diversos temas em pauta, a Universidade aparece cotidianamente de maneira positiva na mídia. Nem todos os professores, porém, estão familiarizados com o atendimento a jornalistas. O material criado pela ACI visa aprimorar o relacionamento entre a fonte científica e o profissional de imprensa. Explicamos as necessidades do trabalho jornalístico aos especialistas e damos orientações de como lidar com elas de forma a potencializar a divulgação da produção acadêmica puquiana.

O mesmo ocorre com a realização de eventos científicos, institucionais ou culturais: nem sempre os proponentes sabem quais regras devem ser seguidas durante a execução da atividade. O documento preparado pela ACI estabelece um protocolo básico para ser seguido em situações formais na Universidade (para chamada de autoridades, pronunciamentos, composição de mesa e bandeiras), apresenta as atribuições do mestre de cerimônia e aquelas que são de responsabilidade dos organizadores, entre outras dicas mais gerais. Ambos os manuais foram enviados por e-mail a todos os professores da PUC-SP.



Os dois manuais podem ser vistos na página da ACI: [www.pucsp.br/assessoria-de-comunicacao-institucional](http://www.pucsp.br/assessoria-de-comunicacao-institucional)



# FCET: Programa de Residência

## Vivência profissional da teoria



Divulgação Iterative

Os primeiros participantes da residência, na Iterative: experiência no ambiente

Estudantes de Jogos Digitais, Ciência da Computação e Sistemas de Informação foram os integrantes do primeiro programa de residência da área de Tecnologia da PUC-SP, realizado entre 26 e 30/10. Parceria com a Iterative, empresa de Tecnologia da Informação, o treinamento busca qualificar os graduandos

para o mercado de trabalho. “Percebemos que a procura por nossos alunos era grande, mas havia exigências específicas das organizações que nossos cursos não abordavam”, afirma o professor Eduardo Gomes, coordenador de estágio da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia (FCET).

A Faculdade criou três ações para aproximar, antes do processo seletivo, empresas e candidatos: workshops ou minicursos, aulas cases e a residência – a primeira a ser colocada em prática. “A vivência do ambiente profissional, além da qualificação, proporciona um network que pode resultar em contratações futuras. A atividade com a Iterative superou as expectativas”, diz Gomes.

Para Vagner Oliveira, de Jogos Digitais, a iniciativa é um diferencial na formação acadêmica. “O conhecimento passa a ser prático. Terei outro olhar sobre o mercado”. Paola São Thiago da Cunha, de Sistemas de Informação, também elogia o programa: “Refleti sobre quais áreas me identifico, o que é fundamental para traçar minha carreira”.

Em 2016, a Iterative quer realizar duas rodadas da residência. A FCET pretende incluir outras empresas e ampliar o projeto para os cursos de Engenharia (Civil, Produção, Elétrica e Biomédica) e Arte: História, Crítica e Curadoria. **(M.F.)**

# Alunos na Usina Henry Borden

## Visita à “fábrica” de energia



Rafaell Casella

A turma da PUC-SP conheceu maquinário, operação, estrutura e história da Usina Henry Borden, que fica na Serra do Mar

Quarenta alunos de Engenharia Elétrica e Engenharia de Produção realizaram visita técnica na Usina Hidroelétrica Henry Borden, na Serra do Mar, em Cubatão. A atividade foi realizada dia 5/11, com a participação dos professores Kelly Cotosck e John Paul Lima (Departamento de Engenharia).

“Foi um sucesso. Certamente engrandeceu a formação de nossos estudantes e sua motivação de permanecer em nossa Universidade, preocupada com qualidade de ensino e inserção profissional”, avalia Lima. De acordo com ele, além de conhecer máquinas, operação e estrutura, os graduandos aprenderam sobre a história e a importância da usina.

Rafaell Casella, aluno do segundo ano de Engenharia Elétrica, diz que sempre teve curiosidade em visitar um local de produção de eletricidade. “Apesar de um pouco longa, pude observar coisas que nunca tinha visto de perto”, conta. “A atividade é muito importante para quem faz minha graduação. Acredito que mais pra frente do curso poderei compreender melhor a função de alguns maquinários que vi.” Entre os equipamentos que mais chamaram sua atenção estão a usina subterrânea e a sala de controle: “Fiquei surpreso com a quantidade de ajustes manuais ainda presentes. A subterrânea me surpreendeu pelo fato de que seu custo, por melhor aproveitar a barragem natural, foi o menor”.

O complexo Henry Borden contém duas usinas, uma externa e uma subterrânea (instalada dentro do maciço rochoso da Serra do Mar). Elas entraram em funcionamento, respectivamente, em 1926 e 1956, e juntas têm capacidade para gerar 889 MW. **(T. Pa.)**



## Fala PUC-SP

# Sobre a Consciência Negra

**Bruna Pretel, Letícia Peixouto e Thiago Pacheco**

O Dia da Consciência Negra lembra a morte de Zumbi, o último líder do Quilombo dos Palmares (o maior do período colonial), em 1695. A data (20/11) é celebrada por todo o país desde 2003 – no ano seguinte tornou-se feriado na cidade de São Paulo, e em 2007, em Sorocaba. Qual a importância de celebrar o Dia da Consciência Negra? A sociedade faz a devida discussão sobre o tema das relações raciais ou é preciso avançar mais? **PUC-SP em Notícias** fez essas duas perguntas para membros da comunidade; confira nesta página como nossos estudantes veem o tema.

Letícia Peixouto / ACI



Pelos fatos que temos acompanhado, constatamos que o preconceito é evidente. As pessoas não assumem que a maioria tem sangue mestiço. Mesmo com o Dia da Consciência Negra, que é visto apenas como mais um feriado. É preciso criar um programa de inclusão, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas, com o objetivo de valorizar a cultura negra.

*Edvania Souza, aluna em Comunicação e Multimeios*

Bruna Pretel / SZS Comunicação



Acho muito importante celebrar o Dia da Consciência Negra. Mas não como é feito atualmente, como um feriado qualquer. As pessoas não entendem o sentido da data. É preciso que ela seja discutida e aprofundada com a população. Mais informação seria essencial.

*Amanda Celeste, aluna de Medicina*

Letícia Peixouto / ACI



É uma data com importância histórica. Levou 500 anos para termos oportunidades. Mas, mesmo com as políticas públicas de inclusão dos últimos doze anos, continuamos ausente da universidade. Passei por três instituições, vi só dois ou três negros concluírem seus cursos e dois professores. Por quê? Será só questão econômica? Essa reflexão tem que partir do próprio negro, mais que da sociedade.

*Jeferson Santana, mestrando do Pós em História*

Letícia Peixouto / ACI



Não devia haver Dia da Consciência Negra, mas da Consciência Nacional, para debater a não inclusão do negro. O IBGE apontou recentemente que pretos e pardos somam 54% da nossa população. Mas essas pessoas não são vistas na estrutura de poder, no Judiciário, no Legislativo nem no Executivo. É uma questão estrutural: a sociedade brasileira não reconhece índios e negros, que ajudaram a construí-la. Mesmo com cotas e políticas afirmativas, houve pouco avanço.

*Sílvio Sérgio Ferreira Pinheiro, doutorando do Pós em Ciências Sociais*

Letícia Peixouto / ACI



Acho muito importante o reconhecimento da Consciência Negra, para mostrar que essa cor tem relevância. Nós fazemos parte da história do Brasil, mas os pré-conceitos deixam isso de lado. No entanto, temos também que discutir a necessidade de ter respeito, o lugar do negro na sociedade, as cotas raciais. Precisamos ver o Dia da Consciência Negra não só como uma data histórica, e sim como uma oportunidade de reflexão.

*Gabriela Monteiro, estudante de Ciências Econômicas*

Bruna Pretel / SZS Comunicação



A data deveria ser mais debatida, pois assim levará à conscientização das pessoas. Pelo comodismo, não se procuram as informações necessárias. Acho que até negros ou pardos não discutem muito o assunto. Seria interessante saber onde estão esses grupos, que são representantes ativos da data, para trabalharmos de forma coletiva.

*Caroline Correia de Souza, estudante de Enfermagem*

Letícia Peixouto / ACI



A gente precisa avançar sim. Senão fica no racismo velado, naquela história de brasileiro cordial. Quando não traz à tona, não tem como discutir. Acho que o Dia da Consciência Negra tem essa função de marcar a relevância do assunto. Sua existência já faz as pessoas lembrarem do tema. É preciso mais do que isso, mas pode ser um *start* para ampliar o debate.

*Lindolfo Roberto Nascimento, ex-aluno de Publicidade e graduando em Comunicação das Artes do Corpo*

Letícia Peixouto / ACI



A importância é histórica. Durante a colonização do país e a história da humanidade, a etnia negra foi colocada como inferior, até em abordagens científicas. Esse passado tem influência até hoje, seja no comportamento das pessoas ou na situação social dos negros. É um debate forte na sociedade, mas que ainda precisa ser feito para impedir atitudes e ações racistas.

*Felipe Almada, graduando de Psicologia*



## Mosaico PUC-SP

# Estatuto da Igualdade Racial

Sancionado em 2010 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Estatuto da Igualdade Racial foi criado para coibir a discriminação contra afro-brasileiros e estabelecer políticas para diminuir a desigualdade social existente entre os diferentes grupos raciais. Após cinco anos em vigor, essa legislação vem conseguindo atingir seus objetivos? Para refletir sobre a questão, consultamos professores de Direito, Antropologia e Língua Portuguesa e com experiências distintas acerca do tema. Leia os artigos nesta página. **(Da Redação)**



Thiago Pacheco / ACI

**Prof. Jarbas Vargas Nascimento**  
Pró-reitor de Cultura e Relações  
Comunitárias e docente do Depto. Português

Já passou da hora de a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, sair do papel e entrar, de maneira mais expressiva, no dia a dia da sociedade brasileira em tempos de globalização. Nada justifica que negros e negras, ainda hoje, sofram ações preconceituosas, discriminatórias e racistas construídas por meio de um imaginário nacional, idealizado pelo branco. Já se provou que esse ideário nacional constrói do negro uma imagem negativa, que se reproduz deliberada e historicamente em nossas relações sociais. Ser negro, quando se ascende cultural, social e economicamente, muitas vezes, é ser compreendido como um branqueamento, cuja justificativa pode estar na leitura equivocada de estudiosos brasileiros, quando apontam que feio não é ter preconceito racial, mas expressá-lo. Diante disso,

torna-se quase impossível vislumbrar para nossos filhos, netos e seus descendentes uma sobrevivência moral e próspera no interior de uma sociedade edificada sobre pilares de desigualdade, de padrões culturais de inferioridade e marginalização do negro e, enfim, sem esperança alguma de rompimento de uma hipocrisia cristalizada em nossa sociedade.

O Dia Nacional da Consciência Negra deve servir para proclamar o direito de igualdade de todos os cidadãos. Deve levar-nos, também, a escancarar nosso desejo do fim de uma sociedade que marginaliza e que exclui negros e negras, impossibilitando-nos acesso a uma vida digna, capaz de assegurar-nos a superação da pobreza material, da pobreza intelectual e, conseqüentemente, da pobreza moral.



Thiago Pacheco / ACI

**Profa. Teresinha Bernardo**  
Depto. Antropologia e líder do grupo de pesquisa "Relações Raciais: Memória, identidade e imaginário"

O Estatuto existe, mas por causa do racismo, não funciona. Há uma lei (10.639/03) que obriga escolas públicas e privadas a abordar "História e Cultura Afro-Brasileira". Nós fizemos uma pesquisa, com apoio da Fapesp, para ver a aplicação dessa legislação. Havia quatro pesquisadores negros, e a diretora de uma escola disse que eu não podia entrar com eles. As crianças contam que as brancas as chamam de urubu, ebó, burro, jumento... É uma coisa calamitosa: há legislação e muito material didático sobre o tema, mas não se consegue implantar. Há racismo. Por

isso, a mídia é fundamental. Neste ano, uma campanha na televisão dizia "eu sou negro, negro é bom para o futebol, para as universidades, para as áreas profissionais..." Fiquei muito contente, é uma coisa que pode dar certo. Mas tem que ter mais, tirar o negro do lugar comum de ser empregado e cozinheira. Hoje, uma grande parte da população afro-brasileira está nas escolas, então é preciso outra abordagem. Mas sempre há o desnível, que é uma forma do racismo agir, desqualificando e mostrando a desigualdade do "outro" – no caso, dos negros.



Mara Fagundes / ACI

**Prof. Christiano Jorge Santos**  
Chefe do Depto. Direito Penal e Processo Penal (Fac. Direito) e autor do livro *Crimes de Preconceito e de Discriminação*

O Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) pode ser resumido em uma palavra: frustração. Neste aniversário de cinco anos de vigência, há pouco a comemorar. Foram barrados no Congresso Nacional os grandes avanços imaginados em seu nascedouro, como a ampla criação de políticas de ações afirmativas, dentre outras aspirações históricas da comunidade negra. Seus 65 artigos formam um conjunto de normas de caráter programático, sem efetividade. Nenhuma mudança significativa em favor dos negros decorreu do Estatuto. Em verdade, houve até

retrocessos. No âmbito penal, o legislador favoreceu o racista, ao prever penas de multa e de prestação de serviços, ao invés da reclusão estabelecida no artigo 5º, inciso XLII, da Constituição, àquele que discrimina no recrutamento de empregados. Ao invés de criar norma inconstitucional, poderia o legislador do Estatuto ter superado o simbolismo e ajudado a efetivar a igualdade. Antes do Estatuto, a juventude negra era assassinada; os trabalhadores negros, desvalorizados; e as mulheres negras, duplamente discriminadas. Hoje, o que mudou?



A Cátedra da PUC-SP em Portugal: prof. Marco Antonio Marques da Silva (no púlpito) em debate sobre a crise dos refugiados na Universidade Europeia

## Refugiados e imigrantes É hora de agir

Em pouco mais de um mês, a nova Comissão Coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM) realizou eventos (dois em Portugal e um no Brasil) e estabeleceu contatos com sete entidades. “Vamos trabalhar com ações. Nossa Universidade pode contribuir e fazer alguma coisa pelos refugiados e imigrantes”, explica o professor Marco Antonio Marques da Silva. Ele preside o órgão, que conta com os professores Eduardo Vera-Cruz Pinto (Universidade de Lisboa e Universidade Europeia) e Pedro Serrano (PUC-SP).

As discussões se iniciaram em Portugal, dias 12 e 13/10, seguidas de apresentações sobre a CSVM em entidades como o Supremo Tribunal de Justiça e a Câmara Municipal de Lisboa. “Recebemos três medalhas, o que expressa apoio à urgência da situação e confiança no trabalho que podemos realizar, em face do histórico dos três membros”, avalia Marques da Silva. Na PUC-SP, o debate foi realizado dia 13/11.

As entidades nacionais contatadas são a Comissão Justiça e Paz, a Cáritas, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), a Casa do Migrante, o Instituto dos Advogados de São Paulo e a Associação Paulista dos Magistrados. “Estamos ainda conversando com nosso Escritório Modelo, para reunir alunos de Direito, Psicologia, Serviço Social, Economia e Administração. Podemos atender e dar um mínimo de cuidado aos refugiados e mostrar aos estudantes o mundo que existe fora do computador e das telas”, diz Marques da Silva.

Ele enfatiza que os imigrantes e refugiados são tema mundial: o Brasil, além de receber povos da América Latina, acolheu só em São Paulo mais de 7 mil sírios. “Se nós chegássemos em um país estranho, com outra cultura, como gostaríamos de ser vistos? É preciso colocar-se no lugar do outro para refletir sobre nossos valores”, argumenta.

A CSVM foi criada na PUC-SP em 2004, em parceria com o Acnur, para estimular a formação em Direitos Humanos, Humanitário e dos Refugiados. “O órgão inicia um rejuvenescimento. A nova equipe é um exemplo de trabalho ativo para a Universidade”, avalia a reitora Anna Maria Marques Cintra. “A Cátedra atua com tema de alta importância. Só existe refugiado porque não há cuidado com a casa comum, o planeta”, pondera. **(T. Pa.)**

## Campus Santana

### Teologia e família contemporânea

Um simpósio no campus Santana, dias 4 e 5/11, discutiu a dinâmica cultural, as principais realizações e as dificuldades da família na atualidade, além de sua interface teológica e social.

O evento teve palestras de docentes de Teologia, Direito, Serviço Social, Psicologia e Geografia, da PUC-SP e da PUC-PR. No encerramento, o cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo metropolitano de São Paulo e grão-chanceler da Universidade, ministrou a palestra *A perspectiva antropológica e pastoral do “Sínodo dos Bispos sobre a família”*. Ele relatou as discussões das assembleias de 2014 e 2015 do Sínodo e refletiu a respeito do papel da Igreja no apoio à família – cuja crise, argumentou, faz parte das mudanças que ocorrem no contexto mais amplo da cultura e da civilização.

A atividade foi organizada pelo grupo de pesquisa “A Relação Pessoa-Família como Fundamento Construtivo da Vida Social e Religiosa”, do Pós em Teologia, com o apoio da Cátedra da Família da PUC-SP. **(Da Redação)**



Dom Odilo Pedro Scherer fala, no encerramento do evento, sobre as discussões e conclusões do Sínodo dos Bispos em relação à família



Lucas Alves (o 5º da esq. para a dir. na 1ª fila, ao centro do vitral) e Rute Pina (a penúltima da 1ª fila): focas puquianos vestindo a camisa do curso

# Jornalismo

## Dois focas da PUC-SP no Estadão

**Letícia Peixoto**

Dois ex-alunos da PUC-SP estão entre os trinta participantes da 26ª edição do *Curso Estado de Jornalismo*. Conhecido popularmente como *Curso de Focas*, o programa de treinamento é realizado anualmente para recém-formados na área. Tradicionalmente, quem se destaca é contratado para trabalhar no Grupo Estado a partir do ano seguinte. Rute Pina de Souza e Lucas Eduardo Alves Pereira Lopes, formados respectivamente em 2014 e 2013, participam, desde meados de setembro, da rotina na redação do jornal. Revezam-se em diferentes editorias a cada semana e atuam na Agência Estado e na Rádio Estadão. Eles também assistem a aulas de Reportagem e Texto, Economia, Política e Ética, entre outros temas.

“A graduação em Jornalismo da PUC-SP é qualificada e propicia aos

estudantes debates extremamente interessantes. É uma felicidade e um orgulho saber que tudo o que aprendi na Universidade, no intercâmbio e nos trabalhos me impulsionou a chegar a este concorrido curso. Dá uma sensação de reconhecimento e de que estou no caminho certo”, considera Alves.

O professor Luiz Carlos Ramos (Departamento de Jornalismo), que trabalhou no Estadão por 37 anos e é docente no *Curso de Focas* há 16 anos, se disse entusiasmado por receber neste ano dois puquianos. “Eles têm tudo para brilhar no treinamento e na carreira. Hoje em dia, expressiva parcela dos jornalistas do Grupo Estado é composta de antigos ‘focas’ [profissionais de mídia em início de carreira] do curso, entre os quais mais de dez formados pela PUC-SP”, completa.

# Aluna de RI Nossa jovem cidadã global



Ariela Halpern no Fórum da Juventude: grupo da estudante propôs promover a cultura de tolerância por meio da educação multicultural

**Mara Fagundes**

A aluna Ariela Feiman Halpern, do curso de Relações Internacionais, integrou a delegação brasileira no 9º Fórum da Juventude da Unesco – Jovens Cidadãos Globais para um Planeta Sustentável, entre dias 26 e 28/10, em Paris. O encontro da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura reuniu cerca de 500 jovens de todo o mundo para ouvir as futuras gerações sobre temas relacionados à mudança global do clima e à agenda de desenvolvimento pós-2015.

Segundo a estudante, que atualmente faz intercâmbio na Universidade de Coimbra (Portugal), outros assuntos (como diversidade cultural, paz, segurança mundial, empregabilidade e educação) estiveram na pauta. “Fomos divididos em equipes de interesse e eu fiquei em Direitos Humanos. Criamos propostas para promover uma cultura de tolerância por meio da educação multicultural”, conta Ariela.

A oportunidade para a puquiana representar o Brasil no encontro da Unesco surgiu em uma seleção da ONG Diplomacia Civil. Ela acredita que foi escolhida por já ter feito trabalhos internacionais: “Por um ano vivi em Israel, onde atuei com refugiados africanos e participei de um grupo de estudos sobre Israel e Palestina”.

O Fórum da Juventude acontece a cada dois anos, desde 1999, e reúne representantes de 195 países-membros, além de embaixadores, príncipes e autoridades governamentais. Para Ariela, foi uma experiência única e motivadora. “Estive em um ambiente de intenso debate de ideias. Ouvia opiniões completamente diferentes das minhas, o que me fez refletir. Senti que poderia realmente impactar o mundo em que vivo.”

As ações propostas durante o encontro foram encaminhadas para discussão na Conferência Geral da Unesco, realizada em novembro.

## 25 anos do prêmio Curso de Publicidade no *Top of Mind*

O *Top of Mind*, publicação da Folha de S. Paulo, premia anualmente as marcas mais lembradas pelos brasileiros em diversas categorias, serviços e produtos. Em 2015, foi a vez da PUC-SP ser notada: como um dos mais bem avaliados pelo Ranking Universitário da Folha (RUF), o curso de Publicidade e Propaganda esteve entre os convidados para homenagear os 25 anos do prêmio.

O professor Alécio Rossi e os graduandos Victória Tupinambá e Guilherme Leonel tiveram que criar peças nos estilos *vintage*, atual e futurista. “A idade do *Top of Mind* foi ao mesmo tempo estimulante e desafiadora. Como as edições anteriores utilizaram conceitos visuais muito marcantes, diversas ideias interessantes dos estudantes já haviam sido empregadas”, conta Rossi.

O aluno Leonel explica que os estudos em sala de aula ajudaram a escolher o conceito usado, o design minimalista (veja a peça ao lado). “O fato de o resultado ter sido bem avaliado tanto pelos docentes da Universidade quanto pelos jurados da Folha nos deu a certeza de que conseguimos colocar toda a mensagem que queríamos no trabalho”, observa o aluno.

Rossi considera que a participação na homenagem traz reconhecimento e visibilidade para o curso de Publicidade e Propaganda da PUC-SP. E Leonel pondera sobre o impacto na sua vida profissional: “É muito interessante quando a instituição permite fazer um projeto com perspectiva de publicação, ainda mais para um dos maiores jornais brasileiros. Ter uma campanha destacada já na graduação é um ótimo começo de carreira”. (L.P.)



FOLHA  
TOP OF MIND  
25 ANOS

As marcas que estarão em  
sua memória





## Palavra da reitora

*Em 8/12, tem início o Jubileu da Misericórdia. Na tradição católica, o jubileu consiste no perdão dos pecados dos fiéis que cumprem certas disposições eclesiais estabelecidas pelo Vaticano. Ao anunciar o Ano Santo em março deste ano, no segundo aniversário de sua eleição ao Pontificado, o papa Francisco afirmou que “ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus” e que a Igreja “é a casa que acolhe todos e não recusa ninguém”, justificando a certeza do perdão para aqueles tocados pela graça. Tal clemência, ao mesmo tempo em que expressa a misericórdia de Deus, exprime também a nossa humanidade. Se pessoas são sujeitas a erros, elas são imperfeitas. Aceitar essa condição humana é fundamental para que possamos pensar sobre nosso lugar no mundo e para perceber o outro, aquele que é diferente de nós, como um ser que ao mesmo tempo nos é semelhante.*

*O Jubileu é, assim, uma oportunidade de reflexão para a PUC-SP. Uma ocasião para ponderar como a ciência pode contribuir para explicitar a igualdade dos seres humanos, sensibilizando a comunidade a agir de modo fraterno e solidário. Dessa forma, o conhecimento produzido em nossas áreas poderá estimular a tolerância num mundo em que a diversidade e o contato com as múltiplas culturas estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas.*

**Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra**

# Ex-alunos Sempre puquianos



Daniel Polo (no púlpito), do Centro de Ex-Alunos, apresenta o Programa de Relacionamento com Egressos da Universidade

Quem estudou na PUC-SP carrega na carreira e na vida pessoal o conhecimento, os valores e as experiências que adquiriu aqui. Para reavivar essas marcas puquianas e manter próximas as pessoas que estudaram na Universidade, o Centro de Ex-Alunos lançou, dia 11/11, o Programa de Relacionamento com Egressos. “Há mais de duas décadas a PUC-SP busca manter contato com os alunos que forma. O Programa inicia nova fase nesse relacionamento, uma etapa dialógica, colaborativa e inovadora”, declara Daniel Polo, coordenador de Desenvolvimento Institucional do Centro de Ex-Alunos. Ele começou a reestruturar as ações em abril – fez parcerias internas com os demais setores, reformulou canais de comunicação e estabeleceu diálogo direto com os egressos. O esforço inicial uniu os profissionais graduados pela Universidade na Rede de Ex-Alunos, que realiza encontros mensais presenciais, abertos a formados de todos os anos e cursos. “Eles foram fundamentais para compor uma proposta que norteasse e abarcasse todas as possibilidades de vinculação entre a Instituição e as pessoas que ela forma”, explica.

O objetivo geral do Programa é estreitar e articular relacionamentos com a comunidade de egressos, promovendo ações para o desenvolvimento humano, comunitário e institucional, gerando sustentabilidade em longo prazo. O documento possui sete áreas, que Daniel chama de

“alma” da proposta: pesquisa e desenvolvimento de conhecimento; valorização da história, imagem e marca institucional; fomento à captação, adesão e permanência de alunos; estímulo à empregabilidade e ao networking; incentivo ao intercâmbio acadêmico, cultural e profissional; transformação social; e apoio ao desenvolvimento e sustentabilidade institucional.

“Estes campos de atuação direcionam as possibilidades de relação entre a Instituição e o público, favorecem a criatividade e a inovação. Cada uma será ambiente para construção de projetos”, argumenta, enfatizando que a participação dos ex-alunos pode ser pontual ou estratégica e está aberta às necessidades e possibilidades de cada um. “Preencher as áreas com iniciativas vai depender de esforço coletivo”, ressalta.

O lançamento do Programa contou com a presença do pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias, professor Jarbas Vargas Nascimento, teve falas de Fernando Grisi e Carla Degaki, pela Rede de Ex-Alunos, e talk show com André Perfeito, Rino Ferrari Filho e Manuella Curti de Souza, todos formados na Universidade. **(T. Pa.)**

## Centro de Ex-Alunos

[www.pucsp.br/ex-alunos](http://www.pucsp.br/ex-alunos)  
[www.facebook.com/exalunospucsp](https://www.facebook.com/exalunospucsp)  
 (11) 3670-8287  
[exalunos@pucsp.br](mailto:exalunos@pucsp.br)



## Tuca

# Toquinho: 50 anos de música

O compositor, cantor e instrumentista Toquinho sobe ao palco do Tuca para um show único e acústico em que comemora 50 anos de carreira e encerra as celebrações do cinquentenário do teatro. A apresentação será dia 19/12, às 21h, e contará com participação da cantora e compositora Verônica Ferriani. Toquinho irá tocar canções de sua autoria e clássicos da música popular brasileira.

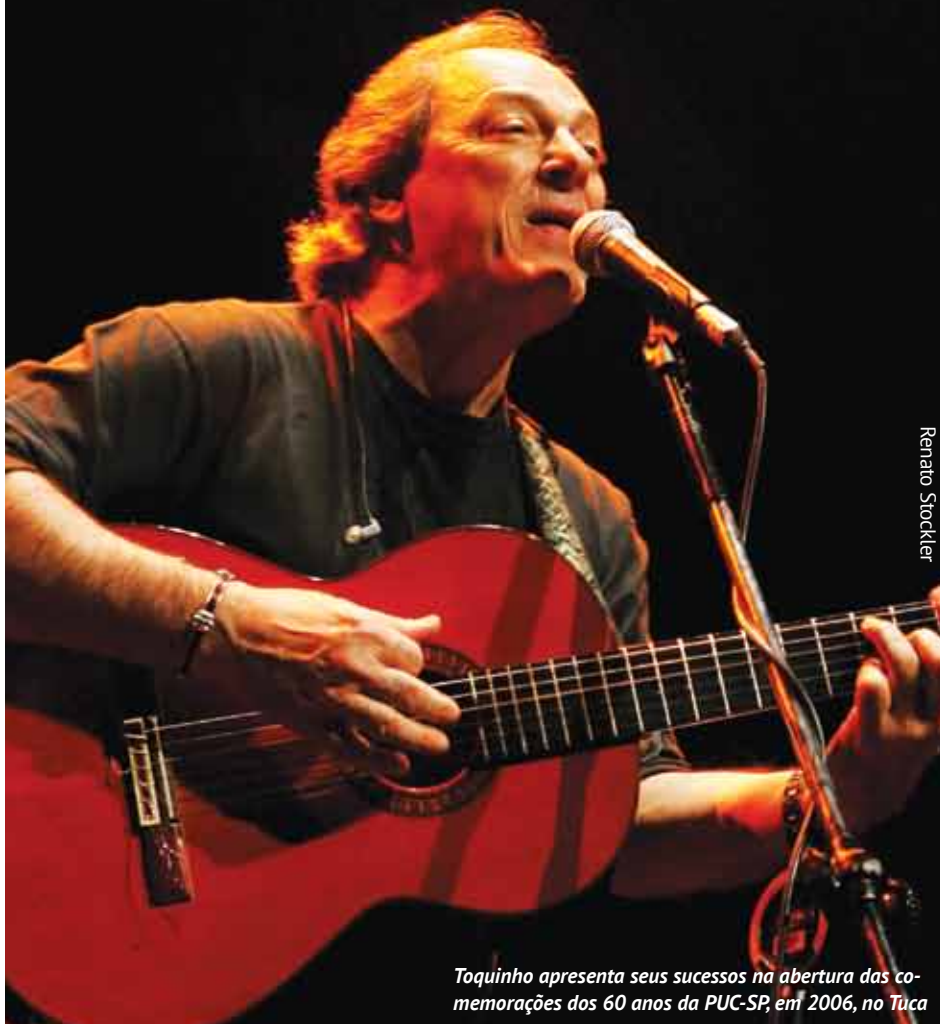
Nascido em São Paulo, em 1946, o cantor iniciou a vida artística em colégios e faculdades. Tornou-se profissional em shows promovidos pelo radialista Walter Silva, no Teatro Paramount. Aos 17 anos, conheceu Chico Buarque, com quem compôs a canção *Lua cheia*, e em 1969 partiu em turnê pela Itália. O sucesso das apresentações lhe propiciou a gravação do disco *La Vita, Amico, É L'Arte Dell'Incontro*, em que revisita a obra de Vinicius de Moraes (1913-1980).

Com o poeta, Toquinho compôs mais de 120 canções, gravou 25 discos, musicou o livro infantil *A Arca de Noé* e compôs seu maior sucesso, *Aquarela*. Em abril de 1979, os dois realizaram, no palco do Tuca, um show para comemorar os 10 anos da parceria.

O instrumentista voltou ao teatro em 2004, para o projeto *Música no Tuca*, que reuniu novas vozes da música brasileira. Sua última apresentação no Tuca foi em junho de 2006: ao lado do Cuca, tocou na abertura das comemorações dos 60 anos da PUC-SP.

Os ingressos custam R\$ 100 (inteira) e R\$ 50 (meia) e estão à venda nas bilheterias do teatro e no site [www.ingressorapido.com.br](http://www.ingressorapido.com.br).

Mais informações: [www.teatrotuca.com.br](http://www.teatrotuca.com.br). (Da Redação)



Renato Stockler

Toquinho apresenta seus sucessos na abertura das comemorações dos 60 anos da PUC-SP, em 2006, no Tuca

## Pós em Fono

# Três vezes premiado

A PUC-SP foi triplamente premiada no 23º Congresso Brasileiro e no 9º Congresso Internacional de Fonoaudiologia. Durante os eventos, em outubro, Janaína Alencar Nunes e Mabile Francine Ferreira, doutoras pelo Pós em Fono, receberam a “Excelência em Fonoaudiologia” na área de Motricidade Orofacial. A tese de Janaína foi considerada ainda a melhor de 2015.

Maria Claudia Cunha, orientadora das ex-alunas, afirma que “os trabalhos têm implicações na prática clínica e trazem melhora considerável no atendimento ao público”. A docente enfatiza que os prêmios geralmente são ganhos por universidades federais – mas que desta vez a PUC-SP, tradicional em Humanas, foi agraciada na Saúde.

Duplamente premiada com a tese *Estudo Comparativo de Técnicas de Alimentação em Prematuros: Parâmetros Fisiológicos e Interação mãe e bebê*, Janaína diz que os prêmios expressam quatro anos de esforço e dedicação. “Meu trabalho é importante para sensibilizar fonoaudiólogos e profissionais da Saúde a ter uma nova visão no atendimento dos prematuros, principalmente na relação mãe e bebê e na forma de oferecer a dieta”, afirma.

Mabile pesquisou o impacto psicossocial da paralisia facial periférica na avaliação fonoaudiológica, a partir da elaboração de uma escala e aplicação em sujeitos com essa patologia – que ela própria e sua irmã gêmea apresentam. “O fonoaudiólogo precisa considerar o paciente com seus conteúdos psíquicos. A atenção a seu sofrimento possibilitará um tratamento mais efetivo e uma recuperação satisfatória”, explica. (B. A.)



Divulgação Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia

Janaína Nunes (à esq.), ao lado da orientadora Maria Claudia Cunha (ao centro), recebe o prêmio de melhor tese do ano



# Professores Eméritos

## O saber a serviço da sociedade



Thiago Pacheco / ACI

José J. Queiroz (à dir.) e João Edênio Valle (à esq.) recebem da reitora Anna Maria Marques Cintra o diploma de Professor Emérito

### Thiago Pacheco

“Que as sementes de conhecimento por eles semeada floresça por muitas gerações.” Com essa frase, carta do cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo metropolitano de São Paulo e grão-chanceler da PUC-SP, saudou João Edênio Valle e José J. Queiroz pelo título de Professor Emérito.

Seguindo a metáfora, é possível dizer que o Tucarena estava florido como uma tarde de primavera, dia 28/10, quando o Conselho Universitário (Consun) se reuniu para homenageá-los. A plateia estava cheia de pessoas que aprenderam com o saber e a ação transformadora de Edênio e Queiroz. Na abertura, a reitora Anna Maria Marques Cintra expressou “emoção e gratidão a tudo que fizeram e ainda fazem pela PUC-SP”. Edênio foi vice-reitor Comunitário na gestão da reitora Nadir Gouvêa Kfoury (1976-1984) e Queiroz liderou o Instituto de Estudos Especiais, antigo centro de estudos e debates sobre temas populares. Fundaram, ainda, o Pós em Ciência da Religião.

A pró-reitora de Pós-Graduação, Maria Amalia Andery, referiu-se a Edênio

como um dos “artífices da PUC-SP” em discurso pelo Consun: “Ele protagonizou e ajudou a fortalecer características que nos destacaram na defesa da liberdade de expressão e pensamento, auxiliando-nos a ultrapassar dificuldades, resistir à intolerância e experimentar”. Já a professora Maria José Fontelas Rosado Nunes, em nome do Consun, afirmou que Queiroz fez da Universidade “uma ponte entre o acadêmico e os desafios sociais e políticos na busca por uma sociedade justa, igual e fraterna”. Em seus agradecimentos, Edênio argumentou que, para compreender a vida, é preciso olhar para o passado para se situar no presente e assim conseguir projetar o futuro. “Tomar o conhecimento e aliá-lo à esperança da humanidade. É o que deve ser uma universidade católica”, concluiu. Queiroz também mencionou a visão crítica e o papel ativo na transformação social como marcas de uma universidade cristã. “Eu me orgulho de pertencer a esta Instituição”, finalizou.

## Expediente

**Grão-chanceler:** Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo

**Reitora:** Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

**Vice-reitor:** Prof. Dr. José Eduardo Martinez

**Pró-reitores:**

Profa. Dra. Alexandra Fogli Serpa Geraldini (Educação Continuada)

Prof. Antonio Carlos Gobe (Planejamento, Desenvolvimento e Gestão)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (Cultura e Relações Comunitárias)

Profa. Dra. Maria Amalia Pie Abib Andery (Pós-Graduação)

Profa. Dra. Maria Margarida Cavalcanti Limena (Graduação)

**Chefe de Gabinete:** Prof. Dr. Lafayette Pozzoli

**Assessoria de Comunicação Institucional (ACI)**

**Assessor de Comunicação:** Claudio Junqueira (MTb 43.193)

**Coordenadora:** Thaís Polato (MTb 30.176)

**Editor:** Thiago Pacheco (MTb 45.691)

**Reportagem:** Bete Andrade (MTb 77.750) e Mara Fagundes (MTb 63.091)

**Estagiária:** Letícia Peixoto

**Projeto gráfico e editoração:** Dialogo Comunicação

**Impressão:** Lumen Graph

**Tiragem:** 3.000 exemplares

**Redação:** Rua Monte Alegre, 984, sala T-34 - Perdizes, São Paulo, SP  
CEP 05014-901 - Tel.: (11) 3670-8002 e 3670-8003

**E-mail:** [imprensa@pucsp.br](mailto:imprensa@pucsp.br)



## Entrevista do Mês

Mauro Lantzman

# Gostar de animais é da evolução

**Bete Andrade**

O mundo vive grande comoção após os atentados que mataram 129 pessoas em Paris, dia 13/11. Em operação da polícia em busca de terroristas, nos dias posteriores, a ação do cão Diesel ajudou a impedir outras mortes – exceto a dele próprio. Após o anúncio do falecimento do pastor belga de malinois, as redes sociais foram invadidas pela hashtag #jesuischien (“eu sou cachorro”). Convivendo com o homem a mais de 60 mil anos, cães despertam variadas emoções nas pessoas que os acolheram em casa. No Brasil, uma pesquisa recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que existem mais de 52 milhões desses animais em lares brasileiros. Mauro Lantzman, veterinário e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, afirma que a ligação entre o cachorro e seu dono não deve ser confundida com as relações humanas, embora haja nela muito afeto. Nesta entrevista a PUC-SP em Notícias, o professor fala sobre alguns equívocos dessa relação, a violência contra animais e a dor da perda do melhor amigo.

**Segundo o IBGE, há pelo menos um cão em 44,3% dos domicílios do país. Como o sr. avalia esse número?**

Eu credito, principalmente, às mudanças econômicas dos últimos 15 anos. Com as melhorias, as classes C, D e E puderam adotar animais. Isso pode ser comprovado ao estudar o mercado de ração no Brasil, que nos últimos anos vem tendo um crescimento enorme.

**As pessoas estão trocando filhos por cães, como aponta a pesquisa?**

A afirmação não é correta porque não há uma conexão entre uma coisa e outra. O bicho de estimação não pode preencher, num indivíduo, o espaço vazio de uma criança que ele não pode ter. Tanto é fato que muitas famílias com filhos também têm pets. Um animal nunca vai se tornar independente como um ser humano. Ao contrário da criança, que nasce, se desenvolve e segue a vida dela, o cachorro, além de ter existência mais curta, depende totalmente do cuidado das pessoas.

**Muitos acreditam que pessoas apaixonadas por seus cães usam o animal para suprir alguma carência afetiva.**

Quem não tem pensa assim, mas quem tem sabe que não funciona dessa maneira. Muitas vezes a relação estabelecida é muito forte, mas isso não se dá porque a pessoa é carente. Os seres humanos gostam de animais, faz parte da nossa história evolutiva. Eles sempre estiveram conosco, principalmente o cachor-

ro, que nos acompanha há muito tempo. São mais de 60 mil anos de parceria.

**Outra pesquisa, dessa vez da revista Science, afirmou que cães amam seus donos como os bebês amam suas mães. Isso é possível?**

Não é verdade. O bebê tem com a mãe uma ligação chamada de apego. O vínculo de amor é outra coisa. Temos o hábito de chamar de amor qualquer relacionamento de uma pessoa com outra, mas ele não é exatamente isso. Ele é um sentimento multifacetado, que envolve uma faculdade mental muito mais elaborada, e do ponto de vista cognitivo é ainda mais complexo. O amor essencialmente acontece quando estabelecemos uma relação com o outro em que quero estar com ele porque me sinto bem, mas uma das principais características é o desejo de que o outro seja feliz. Entre o cão e seu dono, de fato, há um afeto muito intenso. Mas do ponto de vista de uma investigação psicológica eu não falaria em amor. Devemos olhá-lo como animal. Se ele ama seu proprietário é um amor canino, não de gente. Esse sentimento não é melhor ou pior que o amor humano, só tem características completamente diferentes.

**A relação do homem e do seu pet oferece benefício equilibrado para ambos?**

Sim, desde que as necessidades caninas também sejam satisfeitas. Por exemplo, você tem um cachorro que te satisfaz plenamente, mas você o deixa o dia todo em casa e só interage com ele no final do dia. Ele está feliz? Não. Você precisa oferecer para ele momentos de lazer, passeios, brincadeiras e interação social. O equilíbrio depende de o proprietário estar consciente da responsabilidade que tem com seu bicho de estimação e o bem estar dele.

**O excesso de produtos e o mercado de luxo pet está humanizando os cães?**

Isso acontece, mas ainda é uma pequena parcela dos proprietários. O grande perigo da prática é quando começa a comprometer o bem estar do animal. Fazer uma festa de aniversário para um cachorro e chamar todos os seus “amiguinhos” pode ser importante para você, mas para ele não faz o menor sentido. É uma fantasia humana. É preciso tomar cuidado e ver se essa fantasia não trará comprometimento para o bem estar dele.

**Pessoas que exercem violência contra animais podem entender essa prática para seres humanos?**

É um sinal. Em vários países, a ação contra animais cometida na infância serve como indicativo da necessidade de uma intervenção séria. Se os pais detectam que



Bete Andrade / ACI

uma criança os maltrata muito frequentemente e com certo grau de crueldade, é um indicativo importante para um trabalho junto a psicólogos. Nos EUA, há casos de notificação obrigatória por parte do veterinário que identificar maus tratos ou mutilação a um pet pelo proprietário. Nessas situações, há indícios de potencial para atitudes agressivas. Se um animal pertencente a uma família sofre violência por parte de um indivíduo, possivelmente no futuro os membros do grupo serão vítimas dessa mesma pessoa. Existem estudos sobre isso e os índices são bem altos.

**Como lidar com a perda do pet?**

Há pesquisas sobre o modo como essa morte afeta as pessoas. A primeira coisa que indico é nunca substituir um bicho de estimação por outro imediatamente. As pessoas precisam passar pelo luto. Se elas têm dificuldade em lidar com a perda, precisam da ajuda de um profissional. No caso de crianças, é primordial que ela passe por esse processo para que não o veja como um objeto que pode ser substituído. Ela precisa entender que se trata de um ser vivo e que as pessoas estabelecem relações afetivamente importantes com ele, então não se pode “coisificá-lo”. Deixar de passar por essa experiência de perda pode fazer com que a criança cresça acreditando que os relacionamentos são assim: não dá certo, você troca. Não é preciso ter medo do luto, o que é preciso é reconhecê-lo e vivenciá-lo.